

■ NACIONAL

Saúde

Engenharia produzindo soluções.

www.schahin.com.br

Schahin

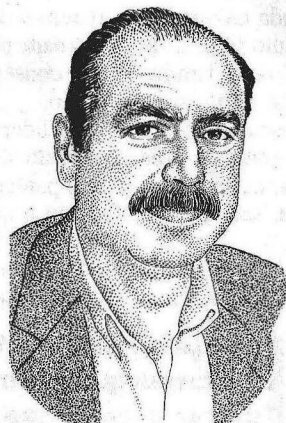
Medicina preventiva reduz custo de empresas

Aços Villares e Elevadores Atlas economizaram R\$ 306 mil, em 1997, devido a menor necessidade de reposição de funcionários

Andréa Háfez
de São Paulo

Desde setembro do ano passado, Valter Gonçalves Rodrigues foi obrigado a conter seu desejo de comer doces. Aos 38 anos de idade e levando uma vida sedentária, o assistente contábil da Cooperativa de Crédito da Elevadores Atlas, onde trabalha há 22 anos, recebeu uma má notícia: sua taxa de colesterol estava acima da média. Ele é um dos funcionários que participa do programa de medicina preventiva desenvolvido pela Atlas. A empresa realizou, um mês antes, um censo para verificar os principais riscos cardiovasculares que ameaçavam seus empregados. Além do questionário, também foram feitos exames laboratoriais que constatarem uma alta taxa de colesterol em Rodrigues.

Se prevenir é melhor do que remediar, imagine com redução de custos. Um exemplo que seguiu esse raciocínio é o da Sociedade Beneficente Carlos Dumont Villares, responsável pela adoção de um amplo plano de medicina preventiva na Elevadores Atlas e na Aço Villares. Entre os programas desenvolvidos está o de pre-



Roberto Cury

venção de doenças cardiovasculares — abrangendo 6,4 mil do total de 7,5 mil funcionários das duas empresas. Os resultados já começaram a aparecer. De 1996 para 1997, foi possível reduzir em R\$ 306 mil os gastos com salários e pagamento de horas extras para compensar a ausência dos funcionários afastados por motivos de doença e acidentes de trabalho.

Em 1995, foram contados 25.004 dias de afastamentos por motivo de doenças e acidentes. No ano passado, o número caiu para 22.329 dias. A diminuição, segundo o gerente do sistema de saúde, Sérgio Candio, foi possível com a aplicação de poucos recursos na área preventiva. “Além de ter um resultado mais positivo, os custos são menores em comparação com o que se gasta com tratamento curativo”, diz. No ano passado, foram gastos R\$ 149 mil em vários programas de medicina preventiva, incluindo as doenças ocupacionais, enquanto os custos com a parte curativa ultrapassaram R\$ 10,3 milhões.

Mas, ao contrário do que ocorre na Aço Villares e na Elevadores Atlas, a maioria das empresas brasileiras não

consegue avaliar o prejuízo causado pela falta de maior prevenção. Segundo a Associação Brasileira dos Serviços Assistenciais de Saúde Próprios de Empresa (Abraspe), no Brasil perde-se, em média, 233 anos de vida por mil habitantes, o dobro dos países de economia estável, onde a média é de 117 anos. Os dados foram sistematizados com base no último levantamento do Banco Mundial, de 1990. O mesmo estudo revela que 45% dos anos perdidos, na América Latina, concentram-se no período de idade produtiva da força de trabalho.

Isso significa, segundo simulação feita pela Abraspe, que uma empresa com cinco mil funcionários que não desenvolve nenhuma ação de saúde preventiva, poderá contabilizar um prejuízo de cerca de R\$ 15 mil por mês. “Quando aplicamos a média de perda de 233 anos por mil pessoas ao quadro total de funcionários, chegamos a 1,16 mil anos”, diz o presidente da Abraspe, Roberto Cury. Considerando apenas 45%, relativos aos anos equivalentes ao período de idade produtiva, a perda seria de 524,5 anos. Com a média salarial de R\$ 10 mil, seriam R\$ 5,2 milhões em trinta anos, e R\$ 14,5 mil por mês.

Segundo Cury, com a simples prática de medicina preventiva seria possível modificar esse quadro, principalmente considerando que 42,8% das perdas resultam de doenças trans-

Desperdício de vida

(Anos perdidos em razão de doenças e acidentes)

Perdem-se, em média, na

América Latina/Brasil

233

anos de vida por mil habitantes

100%

mais que os países

economicamente estáveis

onde a perda é de

117

anos de vida por mil habitantes

Fonte: Banco Mundial/Abraspe

missíveis e 15% de acidentes, conforme o Banco Mundial. Nos países economicamente estáveis, o motivo para afastamentos concentrava-se nas doenças não-transmissíveis: 78,4%.

No caso da Aço Villares e da Elevadores Atlas, os números refletem esses dados. O sistema de saúde das duas empresas, que considera acidente qualquer lesão ocorrida durante a pro-

dução, independente da gravidade, registrou em 1995, 2.877 ocorrências, resultando em 717 afastamentos, com uma duração média de 8,8 dias. Com melhorias no layout, melhor organização e programas de orientação de segurança, em 1997, as ocorrências caíram para 1.574, provocando 214 afastamentos de 9,9 dias, em média.

O principal motivo de afastamento nessas empresas relaciona-se a doenças decorrentes de atividades ocupacionais. São os conhecidos problemas osteomusculares, responsáveis por 31% dos dias de afastamentos em 1997. Os problemas cardiovasculares não ultrapassaram os 3%, mas o médico Sérgio Candio, gerente do Sistema de Saúde da Sociedade Beneficente Carlos Dumont Villares, afirma que não é apenas a frequência que deve ser considerada. “Para priorizar o problema é preciso considerar o risco da própria doença e suas consequências futuras”, diz.

Outras doenças, como gastrite e hipertensão, também estão sendo combatidas. O Grupo de Ajuda Mútua do Programa de Tratamento e Recuperação de Dependência Química está conseguindo diminuir o número de faltas por esses motivos. Jorge Assis, metalúrgico da Elevadores Atlas, dificilmente conseguia trabalhar às segundas-feiras. As desculpas eram variadas, mas o problema somente foi sanado quando Assis começou a fazer

parte do grupo de ajuda mútua e conseguiu largar a bebida. Hoje, ele ajuda outros funcionários da empresa a seguirem o mesmo caminho.

Outro diferencial nas perdas com produção devido a doenças e da falta de prevenção entre o Brasil e os países com economias estáveis são as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e o vírus HIV. No Brasil, utilizando os números da América Latina divulgados pelo Banco Mundial, 6,6% dos anos perdidos em consequência de doenças e acidentes são resultado de DST ou do vírus HIV, enquanto naqueles países, o percentual é de apenas 3,4%.

Infelizmente R.M.M., que trabalha como expedidor na Elevadores Atlas, está entre os onze portadores do vírus HIV que constam das estatísticas da empresa, inclusive a Aço Villares. Há dezoito anos na empresa, ele soube que era soropositivo há 16 anos. Hoje, apesar de estar recebendo tratamento que custa, em média, US\$ 11 mil por ano para a empresa, R.M.M. colabora com a economia da Elevadores Atlas. A partir de sua experiência, ele participa do programa de prevenção, que custa anualmente apenas US\$ 10 mil, mas que já reduziu a média de infectados no universo dos funcionários e familiares das duas companhias. Em 1995, eram 3,8 casos para cada 10 mil vidas. Em 1997, a média caiu para 1,24.